

A *Revista Estudos Feministas* está completando, com este número, a publicação de seu 19º volume. Desses, treze volumes, com trinta e três números, foram editados na Universidade Federal de Santa Catarina, pelo grupo de acadêmicas que trabalham com gênero na UFSC.

A REF, para ser publicada, depende em grande escala do trabalho voluntário e dedicado das editoras de suas várias seções. Esse trabalho nem sempre pode ser somado às outras inúmeras atividades a que somos chamadas a exercer. Por esse motivo, deixamos de contar, na coordenação editorial da revista, com a colaboração de Susana Bornéo Funck, que assumiu a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Inglês da UFSC. Susana será substituída pelas professoras Tânia Regina Oliveira Ramos, professora de Literatura Brasileira do Centro de Comunicação e Expressão, com larga experiência na Editora da UFSC, e Cristina Scheibe Wolff, que retorna à coordenação editorial. Boas-vindas a ambas e também a Maria Regina Lisboa e Janine Gomes da Silva, que participarão das editorias da REF. Ficamos felizes também com a permanência de Susana na editoria de artigos.

Temos dependido de apoio institucional para manter a Revista, através da utilização de espaço físico, recursos técnicos de informática, serviços de telefonia e, especialmente, da disponibilização do trabalho inestimável de Carmem Vera Ramos, responsável pela secretaria da REF, desde que a Revista passou a ser editada em Florianópolis. Contamos também com o apoio da acadêmica Camila Bianca dos Reis e de bolsistas que têm nos auxiliado tanto na Revista quanto no Instituto de Estudos de Gênero. Agradecemos a todas/os essa cooperação necessária e imprescindível. Nosso reconhecimento também ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas e à Pro-Reitoria de Pós-Graduação, pelo pagamento da postagem do periódico a assinantes.

Para publicar três números anuais temos contado com os recursos repassados pelo CNPq (R\$ 10.000,00 em 2009, R\$ 15.000,00 em 2010) e o saldo das assinaturas. É evidente que essas quantias não podem dar conta dos gastos de três números anuais de uma revista como a REF. Tem sido importante contar com o apoio do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar

em Ciências Humanas, coordenado por Joana Maria Pedro, que tem incluído, entre as despesas com publicações do Doutorado Interdisciplinar, o pagamento dos serviços gráficos de composição de alguns números do periódico.

Com o empenho da coordenação e das editoras, e com apoio institucional e a confiança das assinantes e dos assinantes, o número 3 de 2011 da REF traz um painel diversificado de artigos, tratando de uma variedade de temas, além de apresentar uma seção temática voltada para os estudos de esporte, corpo e gênero.

O primeiro artigo, produzido por Karla Galvão Adrião, Maria Juracy Filgueiras Toneli e Sônia Weidner Maluf, "O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia", analisa as tensões em torno da legitimidade dos sujeitos políticos feministas brasileiros, partindo de material obtido em pesquisa etnográfica realizada no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, ocorrido em 2005, na cidade de São Paulo. Espaço tido como importante local de constituição dos pensamentos e ações do movimento feminista no Brasil e na América Latina, o 10º Encontro pôde evidenciar a participação ativa do feminismo brasileiro nas ações transnacionais que indicam políticas globais para os Estados-nação, salvaguardando a preocupação com a autonomia na interface com as políticas globalizadas ou transnacionais. Os conflitos que ocorrem nesses fóruns, além de demonstrar as dificuldades do jogo de disputas inerentes à construção dos movimentos, constituem-se, na concepção das autoras, como condição *sine qua non* da própria democracia radical almejada pelas feministas.

Belén Blázquez Vilaplana, no artigo "Presente y futuro de la igualdad con perspectiva de género en el Marco de la UE tras la Presidencia Española: un antes y un después del Plan de Trabajo 2006-2010", ressalta que durante o primeiro semestre de 2010, quando ocupou a Presidência da União Europeia, a Espanha, através do governo federal, representado pelo Ministério da Igualdade em conjunto com outros organismos e instituições, converteu as políticas de igualdade em uma de suas metas. A autora propõe-se a analisar, através do Plano de Trabalho 2006-2010 e das decisões adotadas pela União Europeia, o momento em que se encontram Espanha e União Europeia em torno da implantação das políticas de igualdade de gênero preconizadas nesses planos e decisões, sobretudo em relação à questão da violência de gênero. Sua análise teve como objetivo perceber se houve realmente a implantação de decisões ou a concretização de medidas contra as desigualdades que continuam existindo. De acordo com a autora, não se pode dizer que essa meta tenha sido atingida, já que ainda resta um longo caminho a ser percorrido quando

se trata de atingir níveis satisfatórios de equidade de gênero, sendo uma dolorosa verdade o fato de que nascer mulher, em muitos países e em determinadas condições sociais, é mais uma condenação que uma benção.

O artigo seguinte, “Operárias no Cariri cearense: fábrica, família e violência doméstica”, de Iara Maria Araújo, Jacob Carlos Lima e Izabel Cristina Ferreira Borsoi, analisa as mudanças ocasionadas pela entrada de mulheres no trabalho fabril em uma região marcada tradicionalmente pela escassez de emprego e pela informalidade das atividades econômicas. Ressaltando que as fábricas se tornam fator de inclusão de espaços ainda pouco industrializados na economia global, a partir da utilização de mão de obra abundante e barata, as/o autor/as analisam as experiências familiares, de trabalho e de violência, de mulheres que têm suas formas cotidianas de vida alteradas pela condição de trabalhadoras industriais. Através de entrevistas realizadas com mulheres operárias que denunciaram agressões praticadas por maridos e companheiros em Delegacia Regional da Mulher, puderam perceber que a entrada dessas mulheres na esfera pública e a sua autonomia financeira ocasionaram redefinições em suas estratégias de sobrevivência, bem como reconfigurações nas estruturas de poder no âmbito familiar.

Em “Educación y empleo: desigualdad de género en las regiones mexicanas. 2000-2005”, as autoras Eva Aguayo e Nélida Lamelas estabelecem comparação entre os diferentes níveis educacionais alcançados por homens e mulheres e a brecha persistente entre os níveis de educação e o grau de participação das mulheres no mercado de trabalho no México, no período indicado. Analisando as diferenças regionais na evolução de indicadores econômicos, como a média dos anos de escolarização e a população empregada, as autoras constatarem o impacto positivo que a educação exerce sobre a ocupação laboral, ao mesmo tempo que ressaltam as diferenças regionais na inclusão da mão de obra feminina nos diversos setores da economia. Apesar dos avanços, ainda persiste, em determinadas regiões mexicanas, uma pronunciada brecha entre ambos os sexos na participação no mercado formal do trabalho.

O texto apresentado a seguir, “Migraciones y géneros. Formas de narrar los movimientos por parte de migrantes bolivianos/as en Argentina”, de autoria de Ana Inés Mallimaci Barral, soma-se a uma crescente produção de trabalhos de estudiosas feministas sobre mulheres migrantes justificados pela constatação do que tem sido definido como a “feminização das migrações”. Inicialmente, o artigo se detém na discussão dos significados dessas representações sobre migrações e mulheres, originadas em outros contextos acadêmicos, quando aplicados a situações migratórias específicas, diversas

daquelas em que foram produzidas, tais como os fluxos migratórios latino-americanos na Argentina. O artigo centraliza-se, a seguir, na reflexão sobre as produções de sentidos acerca de suas trajetórias de migração que realizam mulheres e homens imigrantes bolivianos na Argentina, propondo uma tipologia dessas trajetórias. Essa análise permite à autora deter-se na discussão de dicotomias que se repetem em estudos e políticas migratórias, como reunificação familiar *versus* migração laboral, migração racional *versus* migração afetiva, migração coletiva *versus* migração autônoma.

O próximo artigo, "Teatro infantil, gênero e Direitos Humanos: um olhar crítico sobre as peças *Felizardo* e *O menino Teresa*", de Jorge Dorfman Knijnik, faz a análise de duas peças teatrais, de autoria de Marcelo Romagnoli (encenadas pela Banda Mirim no SESC São Paulo), autor que realiza a proposta de desmontar e questionar os estereótipos que dicotomizam a vida de meninos e meninas. Considerando que a maior parte dos processos e produtos culturais possui conteúdos nos quais a questão de gênero é tratada, insistentemente, de forma binária e, consequentemente, excludente, Knijnik analisa o conteúdo dos textos e encenações de *Felizardo* e *O menino Tereza*, mostrando que estimulam novas relações sociais de gênero entre as crianças, quando propõem modelos distantes dos estereótipos de feminino e masculino, para meninas e meninos. O autor do artigo acredita que esse tipo de teatro infantil, que não tem funções apenas pedagógicas, mas também lúdicas, culturais e estéticas, contribui para a consecução dos objetivos do milênio propostos pela ONU e encampados pelo Brasil, no que diz respeito à promoção da igualdade entre os sexos.

Dando continuidade aos textos que compõem a seção Artigos da REF, Mariela Carmona, em "¿Negocian las parejas su sexualidad? Significados asociados a la sexualidad y prácticas de negociación sexual", expõe resultados de um estudo qualitativo sobre significados associados à sexualidade e a práticas de negociação sexual, produzidos por mulheres e homens de camadas populares de Santiago, Chile. Num contexto que a autora caracteriza como de crescente individualização social, os resultados de sua pesquisa são analisados em função de permanências e mudanças de desigualdades nas relações de gênero, constantes nos discursos das pessoas entrevistadas. A par de relatos evidenciando relações mais paritárias no campo da sexualidade, persistiram também os relatos que estabelecem diferenças essencializadas entre homens e mulheres no que diz respeito aos desejos e práticas sexuais, pressupondo o não falar e o ceder como estratégias diante de discordâncias do casal em matéria sexual. A autora discute o conceito de negociação sexual verbal, sugerindo que se trata de um ajuste implícito de significados que nem sempre implica o

reconhecimento das necessidades do outro, mas leva muitas vezes à postergação da satisfação de um dos membros do casal, em geral da mulher, a despeito da importância da sexualidade na manutenção das relações matrimoniais na atualidade.

Helena Machado, Susana Silva, Susana Costa e Diana Miranda, no artigo “Biogenética e gênero na construção da intencionalidade da paternidade: o teste de DNA nas investigações judiciais de paternidade”, discutem as modalidades de intencionalidade da paternidade construídas por mulheres e homens que realizaram testes de DNA ordenados por tribunais, em Portugal, com o intuito de estabelecer a paternidade biológica de crianças sem ‘pai oficial’. Analisando o impacto das ideologias de gênero na negociação de relações de parentesco e nos processos sociais e morais de classificação e hierarquização dos indivíduos, as autoras consideram que a incorporação do conhecimento do resultado do teste de DNA nas práticas quotidianas de homens e mulheres constitui uma coprodução complexa entre as relações de gênero, a cultura, a tecnologia e o sistema jurídico.

A Seção Temática “A construção dos corpos no esporte” traz artigos de pesquisadoras e pesquisadores que se dedicam a estudar o esporte e a entender como se coloca a problemática de gênero nas práticas esportivas. Trabalhando com os temas das diferenças de gênero, raça/etnia, classe, com técnicas corporais, transnacionalização, identidades, os artigos se referem a várias modalidades esportivas, como atletismo, futebol, lutas, karatê, hipismo, turfe. Os textos apresentados foram produzidos por autoras/es oriundas/os de diferentes instituições acadêmicas do país, com exceção do primeiro deles, uma tradução de artigo publicado na *Revista Iberoamericana*, v. VII, n. 27, de 2007, por Ingrid Kummels, pesquisadora da Universidade Livre de Berlim. A seguir são publicados os artigos de Édison Gastaldo e Adriana Andrade Braga, analisando as técnicas corporais que sustentam identidades masculinas; de Fabiana Cristina Turelli e Alexandre Vaz, que refletem sobre as dificuldades da investigação em um campo de pertença da sportista pesquisadora; de Cláudia Maria de Farias, que desenvolve estudo sobre esporte, gênero, etnia e classe social na recuperação da trajetória de duas atletas negras brasileiras; de Miriam Adelman, que apresenta pesquisa sobre mulheres no mundo dos esportes equestres; de Angelita Alice Jaeger e Silvana Vilodre Goellner, que analisam o investimento corporal na potência muscular, desafiando as representações estereotipadas de feminilidade; e, por fim, de Wagner Xavier de Camargo e Carmen Silvia Rial, que ressignificam a noção de gueto, utilizando-a na análise de competições sportistas mundiais direcionadas ao segmento LGBT.

Nas palavras do organizador dessa seção da REF, Alexandre Vaz, a institucionalização das práticas esportivas acompanha o processo de urbanização, e o esporte se transforma, paulatinamente, de prática e espetáculo restrito às elites, em fenômeno cultural cada vez mais popular. O interesse pelo esporte não se esgota naqueles que o praticam, mas também atinge os que o apreciam e consomem. O esporte é um tema contemporâneo e uma forma privilegiada de organização da corporalidade, razão do interesse da *Revista Estudos Feministas* na publicação dessa seção temática.

A Revista apresenta ainda, como de costume, resenhas de obras publicadas recentemente sobre temas que interessam aos estudos feministas e de gênero.

Ao final, são arrolados os nomes das/os inúmeras/os pareceristas que contribuíram com seu tempo e trabalho para tornar possível a publicação do volume 19 da REF. A todas e a todos os agradecimentos das editoras.

Mara Coelho de Souza Lago